

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 66 (Junto ao elevador)—LISBOA.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & Co. Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS

PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre cblromante e phisyonomista da Europa

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vactcinos. Pelo estudo que fez das ciencias, chromancias, chronologia e phisyonomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principas cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, ingliez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja—LISBOA.

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo. L. DEQUEANT, Farmaceutico, 18, Rue Clignancourt Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas. A VENDA DE TODAS AS BOLSAS FAZ SE NO PORTUGAL.

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e estranhezas. De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepcionaes e estranhezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. Pedir catalogos a J. CASTELLO BRANCO, Rua de Santo Antão, 33, 34 e 32—LISBOA.

Farinha lactea Nestlé

Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Memorias d'uma boneca de trapos



Sr. redactor:
Sou uma boneca de trapos. Escrevo as minhas memorias como muitas outras abrem e fecham os olhos, dizem *papá e mamã* ou dão pasinhos miudos.

Sendo de trapos, não estranhará v., sr. redactor, qualquer trapaça que eu aqui metta. Trapaçona fui sempre. A minha cabeça é de trapos como a de muita gente boa. Os meus braços de trapos são, e nas pernas trago trapos como qualquer «estrella» de revista das que apresentam

me com esta mesma cara de panno branco, de rosinhas escarlates na face, olhos de retroz preto e bocca pequenina a vermelhão. Cabellos de estôpa, casabeque de chita clara com contos azues no logar dos botões, saia lisa de durante e um aventalinho em bico...

Morava eu então na loja d'uma velha capellista, creadeira em encantamentos e linguicos, que lia com devoção a lista geral e todo o dia chilreava pitadas na cavernosa venta.

O meu poiso era n'uma prateleira, de traz da vidraça, com uma cautella de dôze alfinetada no peito. N'esse tempo ainda eu era «mascotte». Não raro, a cautella tinha o mesmo dinheiro, e, d'uma vez, pelo Santo Antonio, apanhei a immediata... Perto, vivia um archeiro de barro que, sempre d'olhos espetados em mim, me

melhores buchos. Na barriga, em vez de tripas, trapos! Veja v. s.^a que trapalhada!...

Nasci n'uma traqueira, pobritinha, e como diz o povo: com um trapo atraz e outro adeante... Se tivesse religião, á certa era trappista... Não se admire pois, sr. redactor, de me ver escrevendo estas memorias n'uma verdadeira lingua de trapos. Nem todos podem ter o estylo da sr.^a

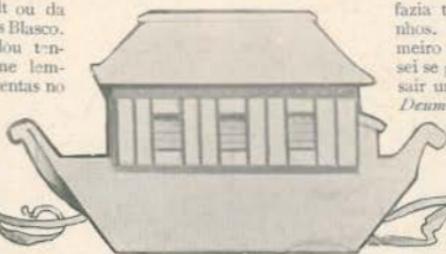
Sarah Bernhardt ou da garçota Mercedes Blasco.

Desde que dou tinto de mim e me lembra de pôr as ventas no ar a contar os ventos, vejo-



Em parada

fazia tagatés e gatimanhos. Foi o meu primeiro namorisco. Não sei se gostei d'elle. Vi-o sair um dia para o *Te-Deum* na Sé, e nunca ca mais voltou. Deve estar no



Paço . . . Pouco tempo depois, também eu abalei da capellista e fui servir para casa d'uns meninos. Ahi, a principio, a vida foi dura. Um de-

amadurecera nos beijos do sol. E os cabellos negros, n'uma enorme concha, n'um grande rôlo brilhante como laca, enquadravam-lhe a testa serena e lisa. Vestia um amplo *kirimon*, leve, de côres pallidas, com uma larga facha róxa... Era curiosa a bonequinha. Tinha uma ligeireza d'azas nas mangas do roupão e, às vezes, com os seus pézinhos *lépi-*

monico de petiz moia-me de pancada. A minha dona, que é um anjinho, lá conseguiu livrar-me das unhas do irmão.

As noites eram divertidas. As crianças deitavam-se, e na *nursery*, em liberdade, ficávamos nós. Eramos muitos:— bonecas, polichinellos, soldados de chumbo, cavallinhos de pau, comboios, arcas de Noé, cornetas e espadas, serviços de loiça, automoveis. . . Havia uma boneca, muito linda. A' hora do silencio e do mysterio, ella saia da caixa e deslizava no chão. Tinha um andar casto e umas fallinhas brandas. No rosto, espantosamente branco, os olhos destacavam-se negros como esmaltes e fuzilavam muito piscos, n'um bater rapido de cilios como o borboletear de duas azas. . .

As sobrancelhas, muito altas, levemente indicadas a nankim. A bocca, microscopica, a luzir n'uma bolinha carminada, como uma cereja que ainda não



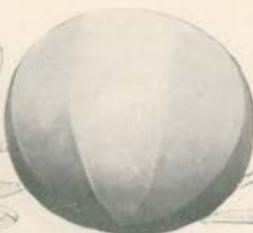
Banho geral

dos, deslisantes, em sandalias de palha, dava a sensação galante d'esvoaçar pela sala. . . Morreu estupidamente. Um dia debruçou-se mais da varanda onde os pequenos brincavam e veiu desfazer-se na calçada. Ficou horrível. Os olhos entortaram-se-lhe, a bocca estalou n'uma expiração estertorosa e a face escaveirou-se-lhe medonhamente. . .

Uma outra, mais feliz, era do Minho: opulenta de fôrmas, de seios rijos e nalga maciça, batendo alegremente as minúsculas chinellinhas côr de gemma d'ovo e peneirando em requebros uma vistosa saia de lá fina, entrançada de listras irrisadas. Poz-se a andar tonta de amores, por um



Theatro Guignol



chauffeur de lata, como linha atrás da agulha. Uma noite fugiram os dois no automovel, mas foram encontra-los, de manhã, em *panne*,

nua, tambem não mastigava as toleimas d'aquella perliquiteta mesureira que já viera ensinada da barriga da mãe. Uma noite, combinámos uma partida com o gato lá da casa, que era nosso amigo e embrirava com a estrangeira, e *Carôcho* em duas sapatadas rasgou-lhe o ventre de pellica. Pois sabem o que aquella tola

abraçados na escada...

Outra, era franchezza. Tinha bochechinhas róseas, cabellinhos loiros, olhos azues d'esmalte. Vestia de bébé, em verde claro, com capota da mesma cor e rendas brancas. Quando andava, em boleios de quadris, as saias ruflavam nos turbilhões da musselina e as botinas

rangiam impertinentemente. Logo desconfiei d'aquelles olhos derretidos que ella botava a todos. Sempre preciosa, irritante, amoladinha, espremendo *messiús* e *madamas* á sociedade, que era da gente ficar-se atolambada... Então eu, que sou toda lé com lé, sentia ferverenças cá por dentro quando os via em mimalhices com a serigaita.

O meu rapaz, valente soldado de chumbo do esqua-



A cavalleira do cysne

drão de cavallaria, tinha lá dentro? Serradura!... E estava aquillo a dar-se arest!...

Desde esse tempo, posta a um canto, nunca mais ninguem quiz saber da fufia.

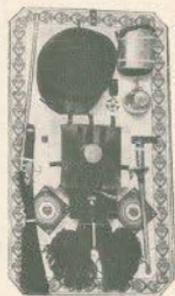
Foi então que soffri um medonho desgosto. O meu rapaz n'uma grande batalha que



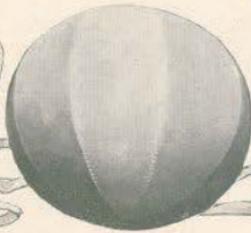
Eh! bo!

drão de cavallaria, que vinha fallar-me sempre a cavallo e de espada

houve em cima da mesa de jantar, no momento em que o esquadrão dava uma terrivel carga, caiu do cavallo e ficou com a cabeça decepada. Se podesse chorar, tinha deitado bagadas



Equipamento completo



como punhos!...

Era um heróe e um bello coração. Teve uns fufereas muito bonitos. Foi a tropa toda, os bonecos, os meninos, as creadas e o gato. Imponente!... Ficou sepultado no barril do lixo, com o cavallo, sobre uma casca de laranja. Que descance em paz!

Para espalhar maguas accitei os galanteios d'um sujeitinho musico, muito apreciado pelos meninos. Tocava pra-



Um fogão de casa de bonecas

co, um pouco depravado, um nadinha fanfarrão, ... mas foi quem me distrahiu com o seu palavriado de berliques-berloques e seus inventos de maranhões d'aquelle tedio em que estava amarasmada. Contou-me elle que á na sua terra, em França, havia um ho-



Dois arrojados cavalheiros

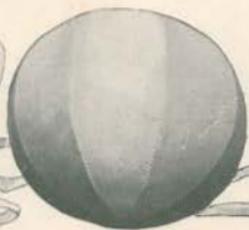
tos. A primeira noite que conversámos, pedi-me um beijo. Percebendo que não era por mal, consenti, mas logo que encostei o meu peito ao d'elle, como se premissa mólta occulta, os seus braços cerraram-se violentamente e ferrou-me com os pratos na cara... Mandei-o bugiar.

Consolou-me depois, um velho e philosopho polichinello. Feio, de nariz em rosto, com duas bossas enormes no corpo, vivo, alegre, fallador, um pouco cyni-

meninho que teimava que nós tínhamos alma. Mas não era uma alma nossa; era a alma que nos davam as creanças. Isso já eu vistubrara quando me via em mãos de minha dona a ser acariciada, quando ella me vestia e despia, quando me ralhava ou embalava nos seus braciinhos tenros e amoraveis, quando me beijava ou adormecia... Ella fazia as duas partes, a minha e a sua; por mim respon-



Preparada para a burricada



dia ao que ella propria perguntava, e assim vivamos companheiras e amigas, repartindo ella commigo a sua alma alegre e nova. Esse senhor lá da França teve cabeça! O que elles inventam!... Quando havia eu de suppor, pobre boneca de trapos, que algum nos comparára aos deuses? Pois houve, houve. Disse-me o amigo polichinello

que isso era coisa certa... Não damos nós ás creanças o prazer e o esquecimento, o terror e o amor? Não lhe despertamos os primeiros sonhos, os primeiros temores, as primeiras esperanças? Que mais deram os deuses aos homens? A humanidade, na sua infancia, foi profundamente fetichista. Precizou d'idosolos e fabricou-os. A imaginação insufflou-lhes mysterio, envolveu-os em nimbos sobrenaturaes, cingiu-os de illusão, deu-lhes a belleza e a bondade, a immortalidade, o prazer, a saúde e o contentamento,—em summa, tornou os divinos. Nem todos eram assim. Tambem os houve terribes e ferozes, devorando victimas, comprazendo-se em carnificinas, exigindo medonhos sacrificios, insaciaveis e crueis, sanguinarios e tenebrosos...

E o que seria hoje da pobre humanidade se não houvesse o maravilhoso? Em que consiste o sonho de cada creatura, o amor, a ambição, a esperança? Não serão ainda pequeninos ido-

los, divinos feitiços, imaginosas formas com que a natureza a escravisa—a vida? Que mundo teriamos se a illusão não florisse nas almas? Se cada amante pudesse vêr o amor da sua amada, se cada pae chegasse a ler o pensamento do filho, se cada ser entrevisse



Para o foot-ball

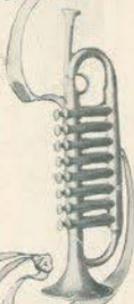
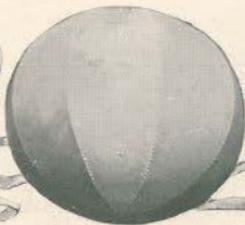


Uma intrusa no berço de Bébé



O cavallinho de pão

o dia d'amanhã... Pobre humanidade! E' preciso deixar-lhe as suas bonecas de trapos... Ah! sr. redactor, permitta-me um bocadinho de vaidade, deixe-me ser deusa um quarto de hora...



A'manhã, logo talvez, a minha dona ou o irmão mais novo despem-me as saias, rasgam-me os fatos, estrangham-me os trapos todos de que eu sou feita... Mas quantos deuses não tem destruído a humanidade, na sua ancia d'ideal?

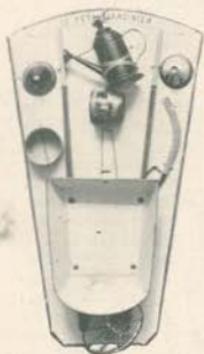
Por ora, sr. redactor, sinto-me deusa. Deusa adorada, estremecida, beijada como um idolo por estes pequeninos selvagens de olhos ingenuos e cabelos d'oiro que



Olha o papão!

eu enfeitei d'amores com os meus pobres encantos de boneca de trapos, inexpressiva e tósca.

A BONECA DE TRAPOS.



Utensílios de jardinagem

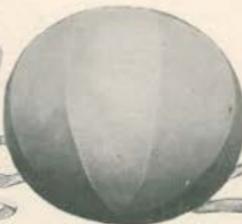
(BONECOS DA CASA BÉNARD—CLICHÉS DE BENOLIEL)



A autora das Memórias



Tiro ao alvo



VIDA ARTISTICA

A ESTATUA DO MARECHAL SALDANHA



Thomas Costa

O monumento a Saldanha, cuja primeira pedra foi assente em 5 de julho de 1904, mas cujo trabalho de fundição só ha dias se completou, representa o pagamento de uma divida nacional desde ha muito em aberto com o nosso mais valoroso general dos tempos modernos e assombroso caudilho militar das campanhas liberaes.

Seria ocioso recordar agora aqui os seus numerosos e admiraveis feitos guerrieros, desde as primeiras victorias de Montevidéu até ás das linhas do Porto e de Almoester, tão conhecida é a epopeia heroica do grande marechal. Saldanha é um dos personagens que mais vivamente impressionou a imaginação popular e mais fundo se fixou n'ella, rodeado de um prestigio lendario, que o tempo ainda não desvaneceu. Sobre os soldados exercia elle um poder especial de suggestão, que lhe vinha da arrojada valentia, da audaciosa coragem, da intuição militar, da sorte, que porventura o acompanhava nos campos de batalha, conduzindo-o ao triumpho. Todos o seguiam, por isso, confiados, dispostos a praticar todas as loucuras do heroismo, visto que com aquelle general, que aliás

era o primeiro a dar d'ellas o exemplo, iam sempre de antemão certos de vencer, fôsse embora no Porto contra Bourmont ou no passo arriscado e difficil de Almoester.

A gloria que o aureolava nos combates alargava-lhe a fama, levando-a de um a outro extremo do paiz, constantemente entusiasta por todas as manifestações de heroicidade, e que assim foi lentamente encarnando n'elle, consubstanciando no seu nome os desejos e sonhos de bravura de que ainda se sentia capaz a alma nacional. E elle era, de facto, pelo feito do seu caracter, pela nobreza do seu gesto, pela bondade do seu coração, bem o homem predestinado para sentir e realizar com a mais bella ousadia o romance aventuroso d'este povo de heroes e de poetas. Por essa razão é que foi excepcionalmente amado e deixou uma tão persistente recordação, que ainda hoje vive e continúa florindo em brilhantes legendas.

Tudo isto significa o monumento que vae em breve ser erguido ao marechal Saldanha na praça do seu nome, e

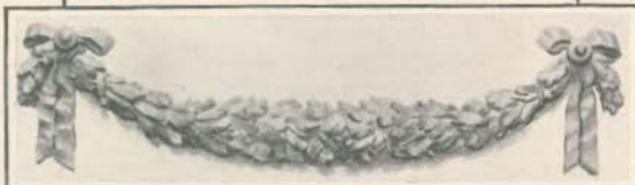


A estatua do duque de Saldanha

que é uma obra esplendida de Thomaz Costa, em que o seu talento creador e mestria de execução vantajosamente se affirmam.

A estatua do duque, que tem tres metros de altura, representa-o de pé, indicando com o gesto da mão um ponto strategico. A figura é marcial e de linhas nobres. O marechal tem o capote no braço esquerdo, cuja mão segura a espada pelo meio da bainha. O peito está coberto de condecorações, entre as quaes destacam a gran-cruz da Torre e Espada e o Tosão de Ouro. Aos pés do heroe vê-se um canhão partido.

Na frente do pedestal, que tem sete metros de altura, vê-se uma bella figura de mais de dois metros e meio representando a Victoria, com uma espada e um ramo de louro na mão direita e uma palma na esquerda. Por cima do frontal do altar



A figura da Victoria



Grinalda decorativa



Os tropheus que ornam tres lados do monumento

da patria estão as armas nacionaes reproduzidas n'um primoroso desenho. As outras tres faces do pedestal apresentam tropheus militares de uma singela, mas graciosa e delicada composição.

As photographias que publicamos representam, de resto, com a maxima fidelidade, em todos os seus pormenores, a estatua do marechal, de tão vigorosa e feliz concepção, a da Victoria, de uma tão sobria e apropriada elegancia, e os diversos elementos decorativos do monumento, tudo modelado em Paris, com o maximo amor e talento, por Thomaz Costa,



As armas nacionaes sobre o frontal do altar da patria

tem o seu nome, se não demorará já por muito mais tempo.

(ICLHÈS DE BENGLIÈ)

e agora acabado de fundir, com extremo cuidado, nas officinas da Fundição de Canhões. O monumento do duque de Saldanha ficará sendo, decerto, um dos mais bellos e magestosos que ornem as nossas praças.

Oxalá que haja a boa idéa de mandar dourar as armas e os tropheus, o que não só produzirá um melhor effeito, mas ainda evitará que o marmore esteja, dentro de pouco, a negrear com manchas produzidas pela agua das chuvas, que escorre as oxydações do bronze, como acontece com quasi todos os outros monumentos da capital. E' coisa que não custará demasiado e de que parece desnecessario insistir na vantagem, tanto ella se torna facilmente comprehensivel.

E agora esperemos tambem que a inauguração da estatua de Saldanha, destinada a aformosear a bella praça que



Conduzindo um gato ao hospital

O · HOMEM · MEDICO · · DOS · ANIMAES ·

aos particulares consultas e ensinamentos de grande utilidade.

Um dos gabinetes mais frequentados pelo publico é sem duvida o das consultas do hospital veterinario, e é, exactamente, ahi que vamos levar os nossos leitores.

Por um largo portão de ferro encimado pela respectiva taboleta entra-se no hospital veterinario, ficando logo á direita os gabinetes da consulta.

O serviço é dividido em duas secções: grandes e pequenos animais. A primeira secção é sem duvida a mais util mas é tambem a menos interessante.

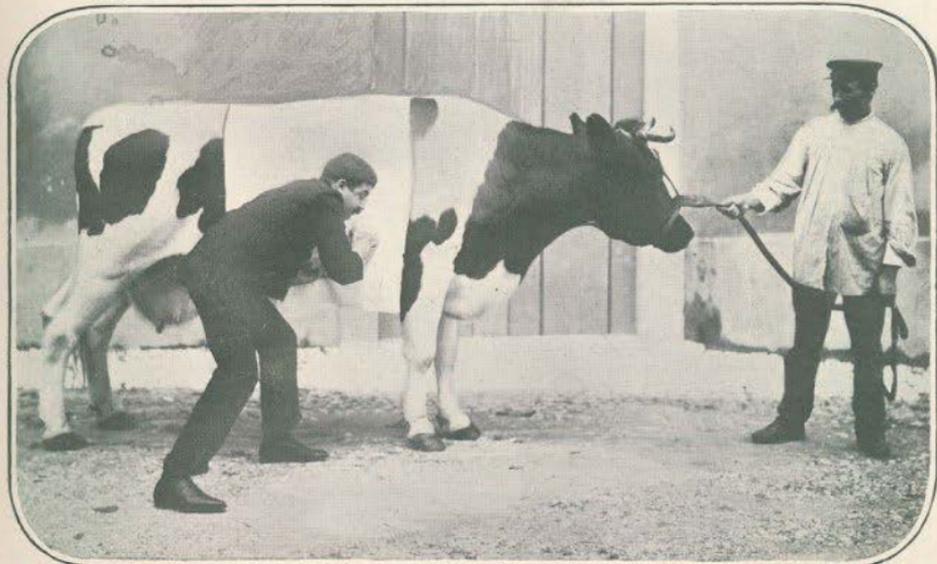
O consultorio para grandes animais é uma vasta sala que tem por unica mobilia um tronco-basculo para sujeitar os animais ariscos ou que reclamam tratamento doloroso.

O serviço de consulta é feito por um veterinario, auxiliado pelos alumnos do 5.º e 4.º annos de veterinaria, por um enfermeiro e tratadores.

Esta secção é principalmente frequentada por cavallos pertencentes a empresas de trens de aluguer.

O amator de cavallos, o *horse-gentleman*, em regra, desdenha os serviços officiaes, preferindo consultar velhos alfarrabios e curar por sciencia propria; só vem ao hospital nas ultimas, quando a doenca do seu cavallo assumiu tal feição que elle já desespera de cural-o.

As vaccas leiteiras, tão numerosas em Lisboa, con-



A auscultação d'uma vacca

correm em pequeno numero, porque os proprietarios das vaccarias recebem a fiscalisação sanitaria exercida no hospital.

Pela policia são conduzidos ao hospital os animaes suspeitos de doenca contagiosa, chagados ou famintos que andam trabalhando nas ruas da cidade. Este serviço é especialmente fiscalisado pela benemerita Sociedade Protectora dos Animaes, que subsidia um guarda de policia civil para o executar.

E' o n.º 225, que intima os donos a apresentarem no hospital veterinario os animaes que deitam purgação pelas ventas, os que trazem chagas ou que estão muito magros. Se o animal se torna realmente suspeito ao veterinario de serviço, é immediatamente internado na enfermaria especial de doencas contagiosas, e se se verifica qualquer dos outros dois casos, passa-se um attestado que é remetido para juizo e o dono do animal é processado.

Na consulta dos pequenos animaes a concorrência é mais numerosa e mais variada, composta de tudo quanto ha de mais heteroclitico, de tudo quanto se chama vulgarmente irracionaes, desde o canario até ao cão, não faltando mesmo exemplares exóticos,



Focinheira de chloroformisação

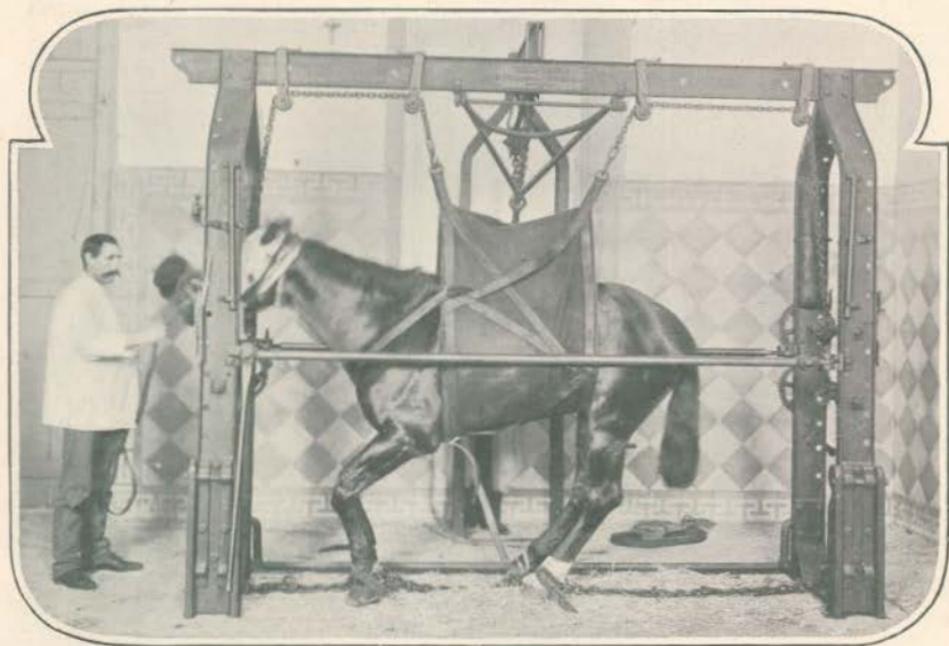
como a gazella, o macaco, os papagaios, etc.

Todo o animal que constitue regalo, prazer ou ostentação para o homem concorre a esta consulta, conduzido por portadores racionaes (nem sempre) de todas as classes e condições. Quantas vezes o gallego que traz um gato, que vê pela primeira vez quando o tira do cabaz, e nada sabe a respeito da doenca do animal que lhe conñaram, é seguido pelo fidalgo, que apresenta um cão muito estimado e é d'uma prolixidade enfadonha narrando a doenca do animal!

No sexo feminino tambem a frequencia do hospital está bem representada. Umaz vezes é a sopeira que sósnha traz o animal, ás vezes

doente por causa d'ella. Outras vezes apeia-se do seu trem a aristocratica dama, que não conñia dos creados a saude do seu estimadissimo cão de regalo, e ella mesma explica a doenca, suspeita das causas e supplica um tratamento que conserve a preciosa saude do seu protegido.

E não só os nacionaes recorrem a este estabelecimento publico, mas tambem os estrangeiros aqui residentes ou de passagem. As linguas franceza, hespanhola, italiana e ingleza são muitas vezes empre-



Sujeição do cavallo em pé

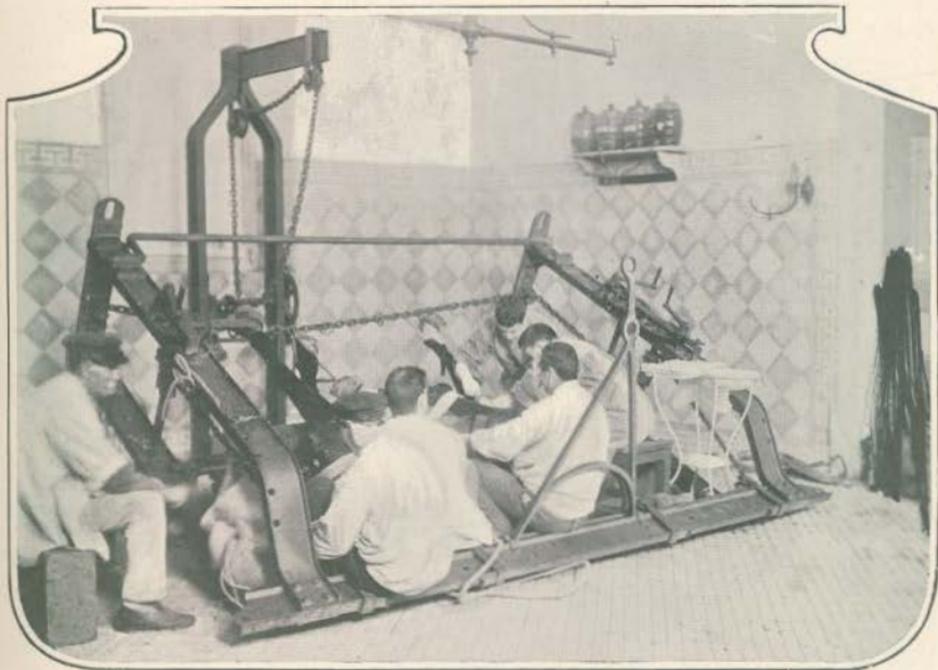
gadas nas consultas do hospital veterinário, o que não admira porque entre os estrangeiros o amor pelos animais é muito maior do que entre os portugueses.

E' rara a companhia de artistas que, por qualquer dos seus membros não frequenta o hospital veterinário, para consultar sobre doenças de cães, companheiros inseparáveis dos artistas.

As scenas de lagrimas e gritos de desespero não são raras. Duas senhoras trouxeram á consulta um cachorro com molestia de pelle; feito o exame, cujo resultado as senhoras esperavam com ansiedade, o animal foi reputado incurável. A' proporção que o terrível *verdictum* ia sendo exposto, duas grossas lagrimas deslisavam pelas faces d'uma das

caro ou a cura problematica, não falta quem se escandalise se lhe dizem que o tratamento é despeza inutil. *Emquanto ha vida ha esperanza*, foi a resposta d'uma peixeira a um veterinario que lhe affirmou ser despeza improductiva tratar um gato cuja doença era incuravel. Uma senhora nunca perdoo a um veterinario que abruptamente lhe disse que um seu çaosinho tinha apenas horas de vida.

A's vezes o veterinario vê-se forçado a exceder os limites zoologicos da sua profissão. Um dia uma senhora mettu a mão n'uma condeça para mostrar um gato; soltou logo um grito e retirou a mão a escorrer sangue. O gato tinha-se ferrado com unhas e dentes nas niveas mãosinhas. Immediatamente o veterinario, esquecendo que a lei não lhe permite tra-



Operando um cavallo

senhoras, que saiu amparada pela outra. Não se apurou porque este animal, novo e feio, já tinha conquistado tão grande valor. A's vezes os consulentes explicam a razão da sua grande afecção aos animais. De uma vez foram duas artistas de circo que apresentaram um çaosinho terrier com fractura da espinha; como não obtivessem esperanza de se poder conservar a vida do animal e uma d'ellas derramasse, por isso, copiosas lagrimas, a outra explicou que o cão era uma lembrança de amor, presente d'um amante estremecido.

E não são só olhos femininos que teem vertido lagrimas sobre o corpo d'um animal de estimação.

Na fórma de responder ás consultas é preciso um certo discernimento, porque se ha pessoas que preferem abandonar o animal quando o tratamento é

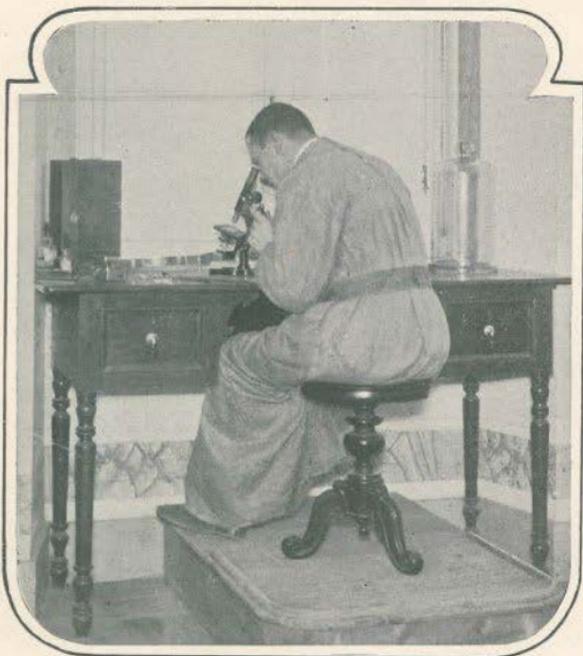
tar o genero humano, teve que lavar as mãos feridas com solutos desinfectantes e hemostaticos e que fazer um penso adequado.

Frequentemente o veterinario deixa de ser medico dos irracionais para assumir as funções de medico hygienista. Succede isso quando lhe apresentam despojos de animais para elle opinar se estão em condições de ser utilizados na alimentação. A sua função é perfeitamente a d'um medico da especie humana quando uma mãe submete ao seu exame um animal que lhe mordetu o filho. Se o veterinario conclue que o animal não está raivoso e portanto a creança livre de perigo, que felicidade para a mãe! A missão do veterinario é então abençoada pela familia, que já se atemorizava com o horror de sujeitar um ente querido a um tratamento doloroso.

Muitas consultas tomam um aspecto curioso e até comico. Querem um exemplo?

Um operario entra no consultorio com um embrulho e conta a seguinte historia: Ao sair de casa, vê na rua um gato morto que afasta com o pé; uma mulher que passava accusa-o a um policia como matador do animal; e ahi estava o pobre homem envolvido em trabalhos, se não se lembrasse de ir ao hospital veterinario alcançar d'um tecnico a confirmação de que o gato não tinha morrido de morte violenta.

Não deve acreditar-se, de resto, que a arte de medicar os nossos irmãos gatos ou os nossos irmãos cavallos, como diria o bom e amoral S. Francisco de Assis, seja coisa de tão extrema facilidade que possa fazê-la o mais bronco ferrador aldeão ou



Uma observação microscópica

qualquer simples curioso que leu um velho livro de alveitaria. É certo que isso succede muitas vezes, mas tambem succede muitas vezes, mas tambem succede bastantes chamar-se o curandeiro em lugar do clinico para tratar as doenças das pessoas. Demais, como se sabe, a medicina foi sempre uma sciencia que toda a gente se julga habilitada a exercer, sem necessidade de estudo previo, e não é, portanto, nada para admirar que com a medicina veterinaria aconteça o mesmo que com a medicina humana, e que cada um se considere apto para curar o seu cão de caça ou o seu canario, quando apresentam signaes de doença.

Além de que a coisa parece de pouca monta para os taes que lêem, por exemplo, a *Arte de curar os bois*, composta por Manuel Martins Cavaco, natural

de Baleizão e mestre examinado na faculdade de Alveitaria de gado Vaccum. Aqui está, para amostra, como este mestre ensina a maneira de conhecer se uma rez está doída e a de cural-a da maluquice:

«Percebe-se esta enfermidade quando se vir, que a rez se aparta do mais gado, e faz os mais effeitos, que todos sabem, faz huma cousa doída, convém que logo se sangre, a primeira sangria no rabo; e como pela maior parte não sobrevenha este achaque senão a gado novo, necessita de mais sangrias, as quaes se devem fazer em as mãos; attando a liga, com que se ha de apertar, por sima do joelho da rez; e feita a sangria com a descarga de sangue, que a disposição de rez pedir, deixarão ficar a attadura na mesma parte por alguns dias, tomando a sizura da sangria, e estancando a, e reconhecendo-se alguma melhora, lha tirarão, e lhe darão alguns defumadouros de restias de alhos, alecrim, e arruda, e de pennas, quaesquer que sejam, levando este defumadouro tambem alguma migalha de cebo, os quaes se devem dar nos primeiros dous dias de manhã, e noite; e aos quatro dias lho darão hum dia, e outro não; advirtindo-se, que no dia da sangria senão deve usar de defumadouros; e quando se não reconheça perfeita melhora, se lhe dará huma verga de fogo entre os cornos em roda de donde tem o o miollo; e lhe deitarão em alguns dias, sendo nos da sangria, sua pinga de vinagre em cada venta, para que possa espirrar algumas viscosidades, que no miollo tiver; os quaes remedios se lhe devem fazer até o tempo de oito dias, que passados elles não aproveitarão.»

Ha nada mais singelo e facil, quer pelo que respeita ao diagnostico, quer pelo que se refere á therapeutica? Evidentemente não. Mas, tão pouco não basta tambem.

A doença parece ter sido um presente nefasto que o homem fez ao animal, com a domesticação. Pelo menos os grandes mamíferos selvagens não sabem o que ella seja, morrendo naturalmente de velhice, de um modo sereno, silenciosos. «Um estado selvagem, — diz Brehm, — os animaes, quando a morte se approxima, procuram um lugar socegado para morrerem. A morte não succede geralmente por doenças; os mamíferos selvagens são, aliás, pouco sujeitos a ellas. Os elephantes, os cães, os leões e outros animaes intelligentes sabem o que é a morte; deixam a terra tranquillamente, sem lamentos, supportando a dôr sem gemer, e manifestando apenas algumas convulsões na occasião da agonia.» Os animaes que o homem conseguiu reduzir ao estado de domesticidade, esses, mostram-se sujeitos a quasi todas ás doenças que atacam o proprio homem, e tem, portanto, de ser tratados, n'ellas, por processos therapeuticos ou cirurgicos que nem sempre fazem grande differença.

O animal não tem, porém, o dom da palavra para se queixar. É pela mudança da expressão geral que se torna morosa, pela falta que se manifesta do ap-

petite, que as pessoas habituadas a conviver com elle reconhecem o seu estado de doença. Se se trata de um cão, de um gato ou de um passaro estimado, ou de alguma especie util, cuja existencia representa um valor economico, e o mal estar se accentua, lá vae então á consulta do hospital veterinario. Começa ahí, então, a tarefa do homem medico dos animaes, a valer; e nada mais logico, de resto, que elle, que lhes transmittiu directamente algumas, e lhes afez o organismo para a receptividade de todas, trate tambem de allivial-os n'ellas e de cural-os, quando se trata de affecções que admittam alguma probabilidade de cura.

O animal não fala, não diz o que sente. O portador, a mór parte das vezes, nada sabe explicar sobre o caso, limitando-se a apresentar o cão ou o gato, o macaco ou o papagaio, que o incumbiram de conduzir ao hospital; ou, se é o dono, conta muitas coisas, espraia-se em variados pormenores, mas não informa, em regra, nada que aproveite realmente ao veterinario saber. Se se trata de um gatarrão, que os achaques da idade começam a assaltar, trazido pela velha dona rabugenta e linguareira, é facil de imaginar a extensa ladainha que não ha remedio senão escutar.

— O meu pobre *Carochó*, que era tão socgado e comedido de costumes, sem habitos de vadio, coitadinho! E tão alegre e brincalhão, sempre tão carinhoso para a sua dona, que o creou desde pequenino! Não sei como foi que adoeceu. Não foi decerto porque comesse nada que lhe fizesse mal, que n'isso tinha eu cuidado constante.

E por aqui fóra, até ao fim do dia. Não ha forças humanas que lhe façam parar a loquella.

N'estas condições, torna-se claro que não ha que aproveitar em taes jermiadas. O veterinario começa, então, por tomar o pulso ao doente. Não é bem o mesmo que tomar o pulso a qualquer pessoa, entenda-se. Simplesmente o observador applica a palma da mão sobre a parte

inferior da parte thoraxica esquerda e assim consegue facilmente perceber a pulsação do coração. Quando se torna necessario procede igualmente á auscultação, conforme o indica uma das nossas photographias. E' preciso, n'este caso, usar de certo cuidado



Amputação de uma perna

para não confundir ruidos naturaes e accidentaes com outros morbidos particulares. Em alguns casos, mesmo, torna-se indispensavel a analyse microscopica para o estabelecimento seguro do diagnostico.

E' ali, no velho edificio apalaçado da avenida



Exame de um cão

Duque de Loulé, que todas essas observações se fazem quando apparece um cliente da classe dos mamíferos ou da das aves que as reclamam, e que se receita para as suas doenças, como no banco do hospital de S. José se receita para os males e doenças humanas.

A pharmacopêa veterinária tornou-se também um pouco mais complicada do que era no tempo do citado mestre alveitar Cavaço, que receitava pingos de vinagre nas ventas dos bois amalucados, para elles espirrarem as viscosidades que tivessem no miolo, como explicava tão pittorescamente o sábio de Baleizão. Todo o arsenal das drogas pharmaceuticas, que costumam ser usadas na medicina humana, é hoje posto igualmente a contribuição pela medicina veterinária, e quando coincide haver n'uma casa uma pessoa e um animal doentes ao mesmo tempo, as receitas para uso dos dois podem ser aviadas na mesma botica, apesar de provenientes de duas qualidades diversas de faculta-

tivos. A dentro dos dominios da pathologia seriamos, pois, eguaes aos nossos irmãos inferiores, se não houvesse a diferença muito importante do limite economico que, em regra, os donos estabelecem para o tratamento dos seus animaes. E' evidente que, tratando-se de um ser humano, ninguem olha a despezas de medico e de pharmacia para lhe salvar a existencia, que uma doença, por mais persistente e duradoura que seja, põe em risco; mas, quando se trata de um cão ou de um gato, já o caso muda bastante de figura, e apesar de *emquanto ha vida haver esperança*,—como dizia a peixeira— não é costume levar o excesso do interesse que se lhe consagra além de uma determinada verba. Bem entendido que falamos na hypothese geral, porque ha bastante gente que é bem mais capaz de gastar com o curativo do seu papagaio do que com um parente pobre o dinheiro que tem.



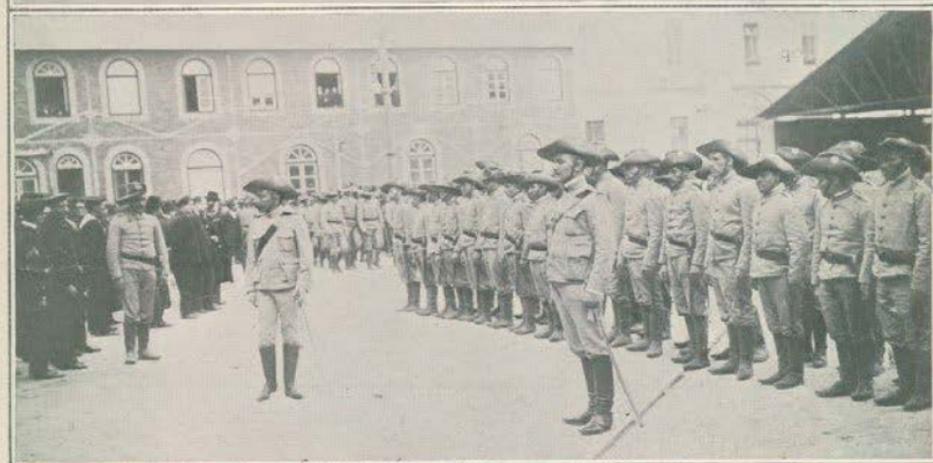
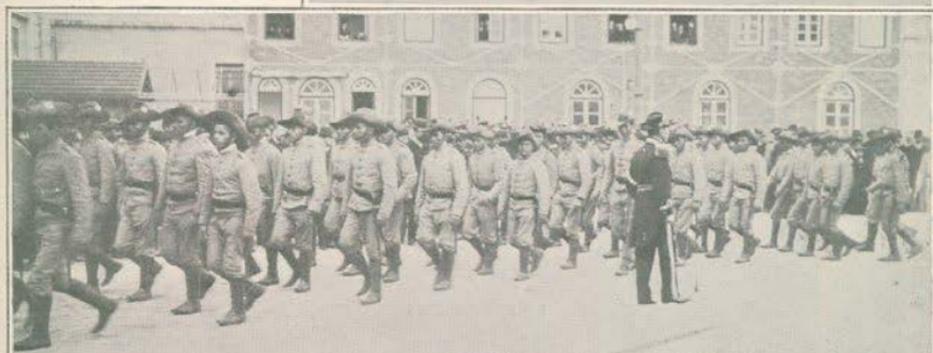
Um doente para o hospital





·VIDA·COLONIAL·

O regresso da expedição ao Cuamato



Os expedicionarios de marinha e de infantaria no dia da distribuição das medalhas

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

FIGURAS E FACTOS

O DR. CLEMENT MARKHAM E SUA ESPOSA. — E' actualmente nosso hospede o sr. Clement Markham, doutor em sciencias pela Universidade de Cambridge e illustre presidente da Sociedade de Geographia de Londres, a mais famosa e auctorizada das agremiações scientificas do seu genero.

O dr. Markham, que deve completar em abril proximo 77 annos, tem sido durante toda a sua vida um viajante infatigavel e um desvelado servidor da sciencia. Tomou parte já na expedição de 1850 ao polo norte em busca de Franklin, e desde então tem percorrido o mundo em todas as direcções, estudando principalmente as diversas floras exoticas. Os seus trabalhos sobre as antiguidades peruanas são tambem bastante conhecidos e apreciados.



DR. V. DE PAULA RAMOS, DIRECTOR DA MISSÃO DE PROPAGANDA E EXPANSÃO ECONOMICA DO BRAZIL NO ESTRANGEIRO. — Engenheiro dos mais illustres, relator da commissão do orçamento durante 12 annos, o dr. Paula Ramos, a quem o governo do Brazil acaba de confiar uma das mais delicadas missões que um homem publico pode ser chamado a desempenhar, é um economista distinctissimo, conhecendo como poucos e em todos os seus complexos aspectos a questão economica de que é hoje na Europa o advogado prestigioso.



UM PREMIO DO RAID. — O premio de um cavallo, offerecido por sua magestade El-Rei ao lavrador portuguez a cuja coudelaria pertencesse a primeira montada de raça nacional inscripta na classificação final do duplo raid hippico promovido pela *Illustração Portugueza*, pertenceu ao sr. Luiz José Frade de Simas Cardoso, de Alter do Chão, El-Rei, na sua ultima visita

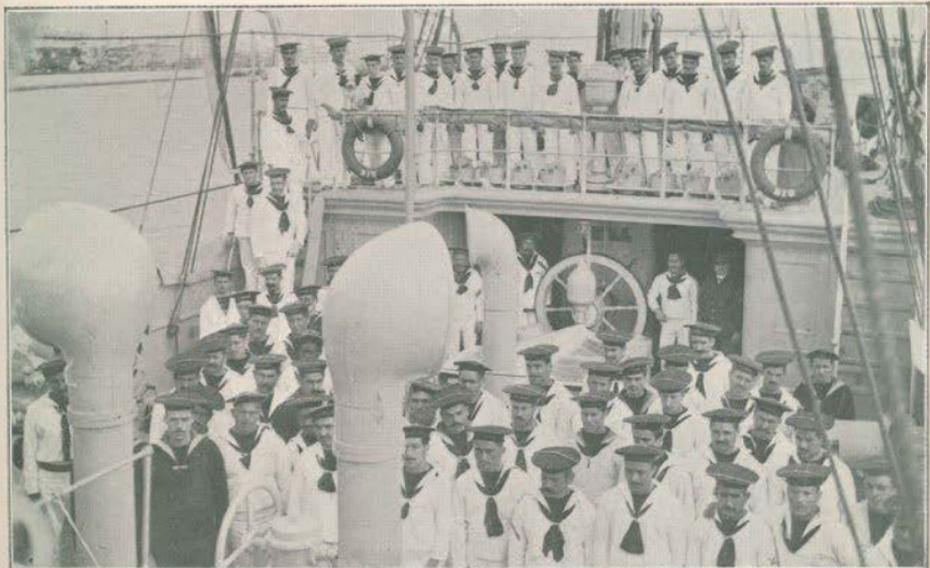


El-Rei no terraço do palacete da Real Coudelaria, depois de uma caçada

a esta localidade, mandou por isso chamar aquelle distincto lavrador, facultando-lhe a escolha do respec-

tivo cavallo na real manada. A esse facto se refere a photographia que reproduzimos.

FIGURAS E FACTOS



A canhoneira Diu: á partida



A festa da arvore na avenida Alexandre Herculano

(CLICHÉS DE BENJUIEL)



RAYMUNDO NERY EGÉRARD, delegados dos financeiros belgas e alemães, que vieram a Lisboa occupar-se dos trabalhos preparatorios para a realisação de uma exposiçào internacional, que deverá ter logar na praça Marquez de Pombal e terrenos adjacentes. O sr. Raymundo Nery foi deputado federal pelo Estado do Amazonas, e o sr. Gérard é official do Merito Agricola e da academia de França.

(CLICHÉ DA PHOT. FERNANDES)

(CLICHÉ DE EDUARD JOSZ, DE MONS)



D. BRANCA DE GONTA COLAÇO, a gentil e delicada auctora das *Matinas*, encantador feixe de poesias, de graciosa inspiraço e a primorada factura.

(CLICHÉ DA PHOT. REDONDO)



D. OLIVEIRA DE MORAES SARMIENTO DA SILVEIRA, auctora do interessante estudo sobre a *Marqueza d'Alorna*.

(CLICHÉ DAS OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS)



EDUARDO POSSOLO DE LEV, distincto africanista, que acaba de ser agraciado com o titulo de Barão de Almofala, em recompensa dos seus servicos.

(CLICHÉ DA PHOT. REDONDO)

PONTE LUIZ BANDEIRA, SOBRE O RIO VOUGA, EM SEJLÆS, OLIVEIRA DE FRADES. — Construida inteiramente de bétõ de

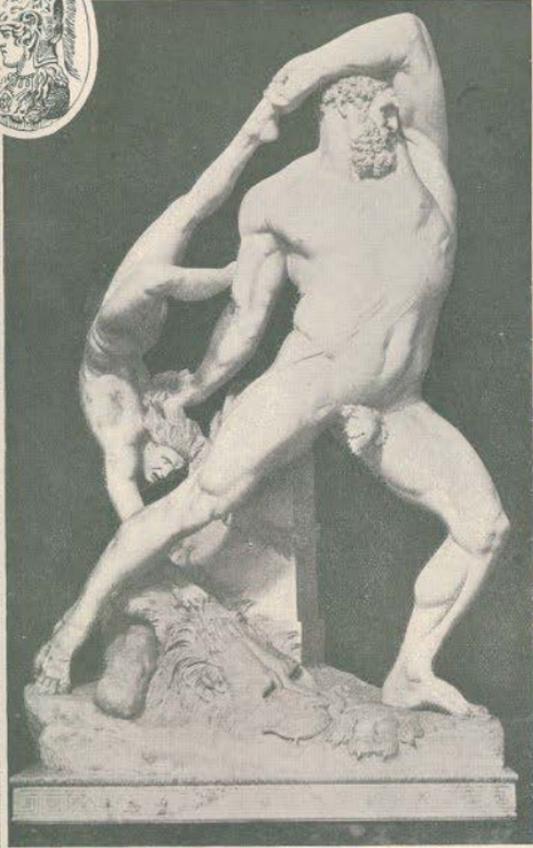


ALFREDO GUIMARÃES, o auctor do livro de versos *Palavras*, no qual se encontram bellos trechos lyricos, entre os quaes destacam principalmente alguns sonetos, de mais requinta-da finura.

cimento armado, systema Hennebique privilegiado, por Moreira de Sá & Malvez, engenheiros constructores do Porto.



HERCULES & LYKA



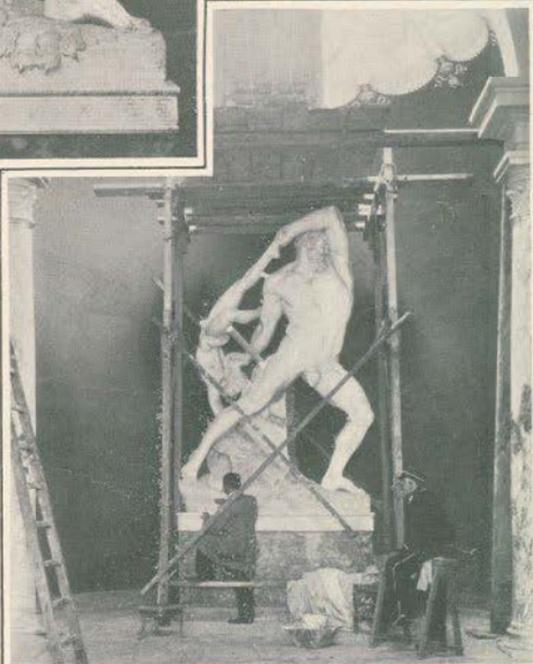
1796 no atelier de Canova; mas sobrevivendo a revolução italiana e a invasão de Roma, que reduziram a nobreza à miséria, a encomenda do duque Gaetano ficou sem efeito. O grupo conservou-se por esse motivo em juízo até 1812, anno em que o marquez João Torlonia encarregou o mestre de o traduzir em marmore, fixando-lhe o preço de 18 mil escudos romanos. O grupo foi então acabado e collocado n'uma sala do palacio Torlonia, onde ficou ciosamente reservado até á sua cessão ao governo italiano.

Em 1901 o palacio Torlonia foi demolido para o engrandecimento da praça de Venezia, e o bello grupo de Hercules e Lyka teve de accommodar-se no pateo do palacio Corsini até á construção de uma galeria especial para o acolher, que será inaugurada dentro de breves dias.

Hercules lançando Lyka ao mar

O triunfo obtido em Napoles pelo mestre com o seu maravilhoso grupo *Adonis e Venus* inspirara ao duque Honorato Gastani, dos principes de Aragon, a idéa de incumbir-lhe a factura de um grupo colossal, deixando o assumpto á sua escolha. Antonio Canova, para responder aos que o accusavam de não saber tratar um episodio dramático, escolheu então a mais espantosa tragedia que jámais animou o marmore. É sabido que foi por Lyka que Dejanira enviou a Hercules a tunica embebida no sangue do centauro Nessus, que lhe queimou as carnes, e que o heroe, querendo vingarse, agarrou o traidor com a mão direita por um pé e com a esquerda pela comprida cabelleira, arrancando-o ao altar, onde o desgraçado se preparava para celebrar o sacrificio, e precipitando-o no mar Euboeo. Foi este episodio terrivel que o grande artista decidiu reproduzir.

O modelo, rapidamente executado, foi exposto no começo da primavera de



*Collocação do grupo na nova galeria do palacio Corsini
(CLICHÉS DE CH. ABEINACAR, ROMA)*



PANORAMA DA ENTRADA DO RIO DE JANEIRO

A VIAGEM D'EL-REI AO BRASIL

A ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, ENTREVISTA O
MINISTRO DE PORTUGAL NO RIO DE JANEIRO

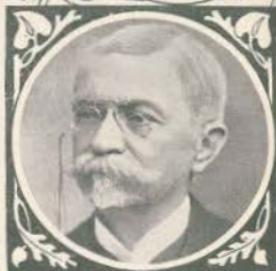


Rei de Portugal D. Carlos I

solemne homenagem do seu affecto e aparelhando o scenario festivo onde, dentro de poucos mezes, se representará um dos mais culminantes acontecimentos da nossa historia contemporanea, tão escurecida pelo retrocesso archaico a um regimen politico incompativel com as modernas noções do direito, da liberdade e da justiça. A viagem d'El-Rei ao Brazil é, de facto, um d'esses episodios que pela sua significação e pela sua grandeza deve dominar por um momento as nossas luctas intestinas. Deante do mundo, essa viagem sensacional assume um alcance politico de excepcionalissima importancia. Ella consagra a

A estas horas, quando a politica nos absorve todas as atencões, n'uma lucta cuja vehemencia esteril entristece, o Brazil está activamente preparando-se para prestar a Portugal, na pessoa do seu soberano, a mais

gloriosa obra colonizadora de Portugal e testemunha a continuidade de relações familiares, economicas e politicas entre a velha metropole e a opulenta colonia emancipada. Pela primeira vez um soberano europeu, investi-



Presidente da Republica do Brazil,
Dr. Afonso Pena

do solememente de todas as suas prerogativas reaes, visita uma nação livre da America, a seu convite. Não pode ser isto indifferente, já não digo a todos nós portugueses, mas á politica internacional que preside ás relações das nacionalidades. O acontecimento não nos pertence exclusivamente. E' um acontecimento mundial. Quando os jornaes da Europa ineptamente nos amesquinham, na mais vergonhosa ignorancia do que somos e do que fomos, a visita do Rei de Portugal á Republica do Brazil vem ensinar aos jornalistas uma emocionante pagina de historia. Pela força das circunstancias a Europa aprenderá que essa



Conselheiro Comelmo Lambréa
Ministro plenipotenciario de Portugal
junto ao governo da Republica
Brazilleira



A entrada do Rio de Janeiro

nação opulentíssima, esse potentado que está vendo surgir dos mares equatoriais da America, resplandecendo de civilização, de intelligencia, de civismo e de riqueza, esse imperio cuja area immensa corresponde a mais de tres quartas partes do velho continente, essa prodigiosa nação recém-nascida onde brilham as sciencias e as artes e que acaba de enviar á conferencia da Haya a primacial figura d'esse concilio politico de personagens mundiaes, é o fructo esplendido da civilização portugueza e que foi este pequeno povo da Europa occidental quem delimitou com as suas espadas, lavrou com os seus arados e

semeou com o seu sangue o campo gigantesco onde hoje se multiplica a grande raça triumphadora.

Lastima é que um tal acontecimento sobrevinha quando Portugal se contorce n'uma lucta politica de resultados incertos e que o Brazil nos encontre, ao testear o centenario do primeiro grande decreto promulgado por D. João VI, empenhados ainda, em pleno seculo xx, na conquista de uma liberdade que de lá nos veiu em 1827. Lastima é que esse grande facto historico, que perante o universo vem consagrar o parentesco consanguineo dos dois povos, coincida com



A entrada do Rio de Janeiro vista do lado de Botafogo



nem perder de vista a vizinhança de um acontecimento, cuja consoladora significação nos compensa de tantas amarguras. A presença em Lisboa do ministro de Portugal no Rio de Janeiro vinha singularmente facilitar-lhe a tarefa patriótica e animadora de pôr os seus leitores na confidência dos preparativos d'essa viagem sensacional. A' sua amabilidade fomos, pois, solicitar as informações que ambicionavamos transmittir tanto aos portuguezes de Portugal como a esse milhão laborioso de portuguezes que no Brazil esperam com anciedades patrióticas tão dignas do nosso commovido respeito a visita do seu Rei, symbolo e repre-

a impiedosa lucta fraternal em que grande parte dos portuguezes do Brazil, capitaneados por invisiveis agitadores, se empenharam com os portuguezes de Portugal.

Entre o tumultuar das paixões politicas, em que não intervem, a *Illustração Portuguesa* não podia comtudo esquecer

sentação da sua patria. Quem, melhor do que o ministro de Portugal no Brazil nos poderia informar detalhadamente sobre o grandioso projecto em via de execução? Mas o sr. conselheiro Camelo Lampreia consentiria em deixar-se entrevistar em assumpto, embora tanto do seu conhecimento, sobre o qual não pode haver ainda



Palacio da Presidencia da Republica em Petropolis

Palacio da Presidencia da Republica no Rio de Janeiro, onde será hospedado El-Rei



resoluções formaes no que diz respeito a pormenores? Ia connosco este receio ao subirmos as escadas do predio da rua Barata Salgueiro, onde habita o illustre diplomata. Ma, depressa o desvaneceu a affabilidade com que nos recebia no seu pequeno gabinete de trabalho, onde um esquentador de petroleo mantinha uma temperatura suave, o ministro de Portugal no Rio de Janeiro.

— Necessariamente, não poderei entrar em detalhes — diz-nos o sr. conselheiro Camelo Lampreia. Temos ainda deante de nós seis longos mezes até ao embarque d'El-Rei. E' cedo para poder dizer o que mais interessante seria contar aos leitores da *Illustração Portuguesa*. O programma dos festejos não foi ainda transmittido pelo governo da Republica Brasileira...

— Mas a data da

chegada ao Rio está assente?

— Sim; essa foi previamente combinada. Será a 7 de junho...

— A chegada de El-Rei coincidirá, pois, com as festas nacionaes organisadas para commemorar o famoso decreto da Bahia, com que D. João VI abriu ao commercio do mundo os portos brasileiros?

— Exactamente...

— Essa coincidência dá ainda maior alcance politico, se é possível, á viagem real...

— Sem duvida. E traduz esse movimento unanime de reatamento da tradição historica, que de ha annos está sendo inspirado pela intellectualidade brasileira, e de que a obra do dr. Oliveira Lima, ministro do Brasil em Bruxellas, sobre D. João VI, em via de publicação, constituirá o mais eloquente testemunho...



*A chegada do comboio da tarde a Petropolis; a Cintra do Rio de Janeiro
O conselheiro Camelo Lampreia em companhia do conde de Arnoso (João) e de seu filho José Lampreia, adido á legação de Portugal*

Então, durante alguns momentos, a conversa recaiu sobre o illustre historiador e diplomata brasileiro, cujo nome é ainda hoje lembrado com admiração na Torre do Tombo e que Oliveira Martins considerava já como um investigador de considerável erudição e das mais notáveis aptidões. Socio da Academia Brasileira de Letras, jornalista e escriptor dos mais distinctos, antigo ministro no Japão e em Venezuela, o dr. Oliveira Lima é um dos mais dedicados amigos de Portugal e o seu annunciado livro sobre D. João VI, de que é editora a poderosa empresa do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, promette ser um verdadeiro acontecimento litterario pela somma de revelações que contem, adquiridas, na sua maior parte, nos archivos de Portugal, de França, de Inglaterra e dos Estados-Unidos.

—... Infelizmente nós vivemos divorciados



D. Amelia Camelo Lampreia

do movimento litterario e scientifico do Brazl...

O sr. conselheiro Camelo Lampreia interrompenos com um animado gesto approvativo:

—E que tanto lucrariamos em conhecer! Essa nobre missão cumpria á *Illustração Portuguesa*...

—Que desvanecidamente a aceite, creia v. ex.^a. Em breve a *Illustração Portuguesa* ampliará as suas paginas e põe-as-ha ao serviço d'essa tarefa patriótica, estabelecendo um contacto permanente entre ambas as litteraturas. E não se limitará a isso. Mais alguma cousa faremos. Não

deve ser indifferente a v. ex.^a saber que, por iniciativa da *Illustração Portuguesa*, foi entregue á empresa do theatre de D. Maria a comedia historica do dr. Oliveira Lima *O Secretario d'El-Rei* e que temos as mais fundadas esperanças de a vermos em breve incluída no repertorio do nosso primeiro theatre de declamação...

O ministro de Portugal não occulta a satis-



A grande Avenida Central do Rio de Janeiro por occasião da chegada do ministro das relações exteriores dos Estados Unidos

fação que lhe causa esta noticia. Mas forçoso foi regressar ao assumpto principal da nossa entrevista, de onde nos afastára esta digressão litteraria.

—Estou ao seu dispôr... Sabe quanto apaixonadamente e desde ha muitos annos acariciava o projecto de uma visita d'El-Rei ao Brazil... E' este um assumpto que me é particularmente grato...

—E o exito d'esse grande projecto deve, com razão, orgulhar v. ex.ª. Ninguem desconhece a parte preponderante que n'elle tem a sua cooperação intelligente. V. ex.ª foi um dos mais ardentes advogados d'essa grande causa...

—Não fui o unico...—diz-nos modestamente o sr. conselheiro Camelo Lampreia. Cumpri o que julguei ser o meu dever. Demais, é indis-



*Barão de Rio Branco,
ministro das Relações Exteriores*

posto commercial no Tejo...

—Sabe quaes são a esse respeito as opiniões do governo brasileiro?

—Perfeitamente. E o Brazil tem razão em pretender de nós compensações que sem sacrificio lhe poderiamos conceder. Para não ir mais longe, o anno passado, o nosso consumo de assucar elevou-se a 32:700 toneladas, das quaes apenas 4:900 nos vieram das colonias e cerca de 700 das ilhas. Porque não haveriamos de habilitar o Brazil, já não digo a for-

necer-nos todo o enorme deficit entre a produção colonial e o consumo, visto que os favores pautaes a isso necessarios defraudariam consideravelmente as nossas receitas aduaneiras, mas uma parte, pelo menos, d'esse deficit? O governo brasileiro não acredita que o en-

pensavel dizer-se que os meus esforços encontraram sempre em El-Rei o mais fervoroso apoio. E' com a mais viva alegria, posso dizer-lhe, que El-Rei se prepara para essa, de ha muito ambicionada viagem.

—Que conviria fôsse o inicio de uma nova politica economica nas nossas relações com o Brazil, ampliando-as com as negociações de um tratado de commercio e a criação de um entre-



*Marechal Hermes da Fonseca,
ministro da guerra*



*Almirante Alexandrino de Alencar,
ministro da marinha*

treposto commercial no Tejo e as consequentes carreiras de navegação a frete baixo bastem para abrir o mercado de Portugal aos productos do

Brazil. Mas que perderiamos nós em experimental-o? Portugal não poderia, sem sacrificio das colonias, consumir em larga escala o café e o algodão brasileiros? E não seria bem mais nobre e digno que no exame d'estas questões e na sua



Dr. Tavares Lyra, ministro da Justiça



Dr. David Campista, ministro da fazenda



Dr. Miguel Calmon, ministro das obras publicas

propaganda se occupassem os jornaes da colonia portugueza no Rio de Janeiro, que agora consomem toda a tinta dos prelos a diffamar os homens publicos e os jorralistas da sua terra?

Estas considerações faziamol-as mentalmente, ao passar os olhos entristecidos por um d'esses jornaes, que encontráramos em cima da meza, a nosso lado, durante os poucos instantes em que o sr. Camelo Lampreia nos deixára sós, interrompendo a nossa conversa para receber uma visita. Mas guardamos comnosco a impressão dolorosa que essa breve leitura nos trouxera e a entrevista, por momentos interrompida, retomou o seu curso com a mesma cordalidade affectuosa.

— El-Rei partirá, pois, em fins de maio?

— A 23 ou 24, segundo os meus calculos...

Geraes e de S. Paulo, que lhe será offerecida uma grande caçada no interior e que um dos numeros do programma d'esta excursão, tão de molde a dar a El-Rei uma noção nitida dos recursos, da opulencia e do progresso agricola do Brazil, será uma visita ás minas de ouro do Morro Velho...

— Assim é. E pode acrescentar que El-Rei, no seu regresso, desembarcará na Bahia e em Pernambuco...

— Deprehende-se d'essa parte do programma que a Rainha não acompanhará El-Rei...

O sr. conselheiro Camelo Lampreia mostra-se surprehendido com a nossa observação. Mas não é necessario ser propheta para a formular. Essa viagem pelo interior, que sem duvida constitue uma das maiores attracções do programma, é de uma violencia consideravel para uma senhora.



Um dos salões do palacio presidencial do Cattede

— E S. M. acceptará o offercimento do governo brasileiro, utilizando-se de um dos novos grandes couraçados, em construcção na Inglaterra, para effectuar a sua viagem?

— E' positivo que El-Rei viajará n'um dos paquetes portuguezes da nova linha de navegação para o Brazil de que o governo está promovendo a urgente organisação...

— E se ainda, ao tempo da viagem, a companhia não estiver constituída ou não dispuzer de frota?

— Então a viagem far-se-ha n'um dos paquetes que a Companhia de Navegação tem nas carreiras de Africa e especialmente fretado para esse fim. Escotal-o-hão, porém, alguns vasos de guerra...

— S. M. a Rainha acompanhará El-Rei, como tanto parece desejar o Brazil?

— Nada lhe posso afirmar a esse respeito...

— Diz-se que El-Rei visitará os estados de Minas

Para El-Rei, robustissimo como é, ella constituirá uma diversão emocionante. Impól-a á Rainha seria pedir-lhe um sacrificio excessivo.

— Realmente, a excursão é violenta, sobretudo por ter de obedecer ás conveniencias protocolares da rapidez...

— E eliminal-a do programma seria lastimoso. El-Rei perderia o ensejo de admirar um dos mais surprehendentes espectaculos que lhe pode offerer o Brazil...

O sr. conselheiro Camelo Lampreia cala-se. E' evidente que se subtrah a dar a sua opinião sobre um assumpto d'esta natureza delicada. Seria inconveniente insistir. A nossa convicção de que a Rainha não acompanhará El Rei é absoluta, e entretanto não ignoramos que aos seus intimos S. M. não occulta o prazer que teria em realizar essa viagem, como tão pouco ignoramos, por outro lado, o desejo do presidente da Republica e do barão de Rio Branco



em receber no Brazil a Rainha de Portugal...

As informações que mais anceavamos obter do ministro de S. M. no Rio de Janeiro eram as que se referiam á constituição do sequito real. Quem acompanhará El-Rei?

— Ignoro-o por enquanto — diz-nos o sr. Camelo Lampreia. — El-Rei ainda nada resolveu, segundo parece. Ou, se já tomou uma resolução, mantém-a reservada...

— Mas posso dar como certas as nomeações dos condes de Arnos e de Tarouca?

— Não sei... Talvez... Porque indica esses nomes?

— Ah! nós temos também a nossa pequena policia... E depois, não é difficil acertar quanto á escolha d'esses dois dignitarios do paço. O conde de Arnos, como secretariod'El-Rei, tem-o acompanhado sempre em todas as viagens. Ninguém ignora a sua dedicação pelo soberano. E' talvez o seu mais fiel e dedicado amigo. E' mais do que um dignitario insubstituível: um companheiro inseparavel. O conde de Arnos irá, por mais penosa que ao seu coração de pae seja essa viagem, que tanto lhe recordará o filho estremecido. Demais, elle está em relações com as principaes individualida-

des da colonia. O conde de Arnos tem no Brazil um partido. Emquanto ao conde de Tarouca ninguem desconhece que é um predilecto d'El-Rei. Representante de uma grande casa, a sua nobre figura decora excellentemente um sequito real. E' um titulo que sôa bem em toda a parte, e um homem que está bem junto de um rei.

O nosso amavel interlocutor sorri.

— Não lhes faz senão justiça...

— E enquanto ao programma official dos festejos?

— Ainda não está elaborado. Mas ha numeros que se podem prevêr, como o banquete de gala no palacio presidencial do Cattie, a inauguração solemne da Exposição da Praia Vermelha, uma festa nocturna na enseada de Botafogo, um passeio a Petropolis, uma excursão pelos arredores maravilhosos do Rio, talvez um almoço no Corcovado, uma recita de gala no theatro Municipal, que será por essa occasião inaugu-



Sala de jantar
no palacio presidencial
do Cattie



A rua do Ouvidor, no Rio
de Janeiro



A enseada de Botafogo

rado... Como vê, ha o embarço da escolha. Mas, repito, nada está definitivamente resolvido. O Brazil sabe fazer bem as cousas...

—E a presidir á organisação do programma tem o Brazil esse *grande senhor*, o diplomata notabilissimo, que é o barão de Rio Branco. Um homem que honra o Brazil. Mais ainda. Um homem que, pela sua ascendencia, nos nobilita tambem a nós, portuguezes. No programma não poderia inscrever-se ainda um baile no palacio do Itamaraty, primeira morada dos presidentes da Republica e hoje ministerio dos estrangeiros? Ahi, em sua casa, o barão de Rio Branco, socio da Academia Brasileira de Lettras, apresentaria a El-Rei, presidente da Academia Real das Sciencias, os grandes vultos das lettras, da politica e das artes brasileiras... El-Rei honrar-se-hia de conhecer homens como Machado d'Assis, Salvador de Mendonça, Sylvio Romero, Oliveira Lima, Coelho Netto, Euclydes da Cunha, Lucio de Mendonça, Olavo Bilac, os dois Bernardelli, Rodolpho Amoedo e tantos outros...

—Não é improvavel que uma festa d'esse genero se realise...—aventura o ministro de Portugal.

—E quanto ao desembarque? O paquete em que viaja El-Rei atracará ao novo e amplissimo caes do Rio?

—Tudo depende do estado de adiantamento das obras, que são, como sabe, gigantescas. Mas

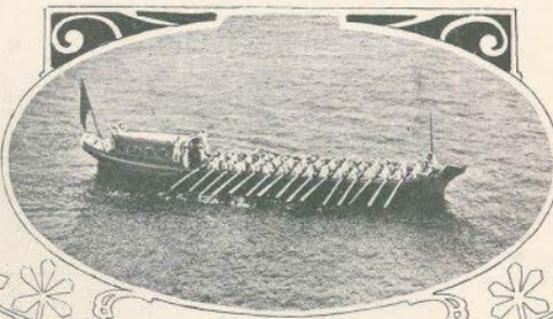
o desembarque em nada perderia em realisar-se na galeota de D. João VI, que atracaria ao caes Pharoux.

—Uma ultima pergunta... Onde se hospedará El-Rei?

—Ou no Cattete ou no antigo palacio da Princeza Izabel, na rua Guanabara, que o governo encarregou o engenheiro italiano Thomaz Bezzi de restaurar completamente...

El-Rei fica bem ahi, no antigo palacio d'uma princeza sua parenta, que na historia do Brazil tem para sempre o seu nome ligado ao decreto da abolição da escravatura, que a sua mão caridosa jubilosamente assignou. Das janellas do palacio poderá vêr a casa modesta e tranquilla onde vive um dos mais bellos e nobres espiritos da intellectualidade brasileira. Coelho Netto será seu vizinho. E' um nome que El-Rei deve reter na memoria. Era portuguez o pae d'este grande brasileiro, auctor de cincoenta livros dos mais admiraveis que uma penna tem escripto em lingua portugueza. De manhã, ao assomar á janella, El-Rei verá um bando de creanças sorrir-lhe por entre as grades floridas do jardim do

escritor e talvez pense, com commovido respeito, na tarefa heroica d'esse espirito, transformando em pão para aquellas boccas cor de rosa a luz interior do seu cerebro!



A galeota de D. João VI

FIGURAS E FACTOS



O pavilhão do Lactario n.º 2—Uma cliente do Lactario

— A rainha sahindo do novo Lactario—S. M. a Rainha recebendo um ramo de flores offerecido por madame Strauss

DA obra piedosa e amavel proseguida pela Associação Protectora da Primeira Infancia dissémos, ainda ha pouco, quanto ella vale em benemerencia intelligente e quanto represen'a de esforço desinteressado da parte dos seus mantenedores, quanto merencia igualmente de auxilio e de applauso. Não precisamos, pois, naturalmente, repetil-o.

Coicidindo com o fim do anno a Associação realisou uma sessão commemorativa do seu anniversario, com uma distribuição de roupas ás creanças pobres, que são suas clientes, no seu edificio do Largo do Museu de Artilharia, e inaugurando, no Largo da Esperança, um segundo lactario, que começa este novo anno a funcionar.





A rainha distribuindo o leite—As cinco mulheres que receberam os primeiros biberons no lactario n.º 2
ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS SILVA GRAÇA



A sala das sessões ornamentada para a festa do 3.º anniversario social. A commissão organizadora da festa, lendo ao centro o sr. Thomaz Bicher, seu presidente

CELEBRANDO o terceiro anniversario da sua existencia a Associação de Soccorros Mutuos Silva Graça, em uma sessão solemnte, que revestiu verdadeiro caracter de imponencia, inaugurou, na sua sala principal, que fôra para a circumstancia ornamentada com o melhor gosto, o retrato do seu patrono, o nosso querido amigo e illustre director do *Seculo*.



(CLICHÉS DE BENOLIEL)



D. JOAO DA CAMARA

27 de dezembro de 1852—2 de janeiro de 1908

(CLICHÉ DA PHOT. BOBONE)



VIDA COLONIAL

A passagem das tropas expedicionarias ao Cuamato
pela Madeira



Festa em honra dos expedicionarios na parada do quartel de infantaria 27 no Funchal



Grupo de sargentos expedicionarios e de infantaria n.º 27

(CLICHÉ DO AMADOR SR. DR. CARLOS BIANCHI JUNIOR)

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem
 dor desde 500 rs.
 Collecção de dentes desde
 10000 reis.
Consultorio cirurgico-dentario,
 R. das Chagas, 42,1.
 (Ao Caihariz)
 TELEPHONE 1482

Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Única Qualidade

A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marca



o Nome "**CHRISTOFLE**"
 sobre cada peça.



Seios

Desenvolvi-
 dos, recon-
 stituidos, afor-
 mososa-
 dos, fortifica-
 dos com
 **** as ****

Pilulas Orientaes

O unico producto que
 em seis mezes assegura o desenvol-
 vimento e a firmeza do peito sem
 causar danno a um á saúde. Apro-
 vado pelas notabilidades medicas.
**J. Ratte, Ph. 5, Passage Ver-
 deau, PARIS.** Frasco com instruc-
 ções. 1800J rs. Franco para vale
 do correio, enviado a **J. P. Bastos
 & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

Companhia ***** DO ***** Papel do Prado

Sociedade anonyma de
 responsabilidade limitada
 Proprietaria das fabricas
 do Prado, Marianais e So-
 breirinho (Thomas), Fene-
 do e Casal d'Herminio (Lou-
 çã), Valle Maior (Alber-
 ta) garia-a-Velha). **

** Escriptorios e depositos **
LISBOA—270, Rua da Princesa. 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ende. teleg.: *Lisboa, Com-
 panhia Prado, Prado—Porto—
 —Lisboa, N.º telephon. 605*

COMPREM AS SEDAS SUISSAS

Peçam as amostras das nossas **SE,
 DAS NOVIDADES** em preto, branco
 ou cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50
 metro — **Especialidades** :
 Estofos de sedas para trajos de pas-
 seio, de casamento, de talie e de
 «soirée», assim como para blusas,
 forros, etc. Vendemos directamente
 aos consumidores as nossas sedas ga-
 rantidas solidas e enviámos-as aos
 domiciliados francos de porte

SCHWEIZER & C. A
Lucerne 2. 18—(Suissa)
 ** Exportação de sedas **



Parfumerie
AZUREA
 L.T. PIV & R - PARIS

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo
 para o tratamento
 do rosto, hygiene, bela-
 zeza e conservação da
 juventude. Productos
 scientificos invisiveis ap-
 provados pelo Laborato-
 rio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra
 a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e cremes para branquear a pelle das mãos,
 luvas e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem
 quizer conservar e embellecer a cor empregue todas as
 manhas os maravilhosos productos:

*Tintura vegetal garanti-
 da e inoffensiva. Locção
 capilar para evitar a queda
 dos cabelos e para impedir
 o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. Depi-
 latorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa)
 para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer comple-
 tamente.*

**Locção, Crème
 e PÓ KLYTIA**

Instrucções para o seu emprego
 dando-lhe a sua cor natural. Depi-
 latorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa)
 para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer comple-
 tamente.

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas
 principaes cidades da Europa, preferindo casas perfu-
 mistas ou cabelleireiros para effectuarem a venda dos
 seus productos. Depositos em todas as principaes cida-
 des da França, da Europa, Estados Unidos da Ame-
 rica e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de trata-
 mento e embellezamento da pelle. Programa e con-
 dições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26—PARIS

PRINCIA VIOLET
 NOUVEAU PARFUM
 72, B. des Italiens, PARIS



PREMIADA em varias EXPOSICIONES e FORNECEDORA da CASA REAL



Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Cream of Wheat

*A' venda em todos os estabelecimentos
de generos alimenticios*

Contém na forma mais assimilavel os elementos que produzem
a força e vigorizam os nervos

*Toda a força
do
Triço*



CREAM OF WHEAT

*Contem na forma mais assimilavel
os elementos que produzem a força
e vigorizam os nervos*

Um bom almoço
Um lanche agradável
Uma sobremesa deliciosa

*PREÇO 300 Réis—Cada pacote contem uma Senha Brinde
A venda em todos os estabelecimentos de generos alimenticios
Unico representante e depositario
M. L. DE MELLO
Largo de S. Julião - 12. 1.º - LISBOA*

Um bom almoço. Um lanche agradável.
Uma sobremesa deliciosa

UNICO REPRESENTANTE E DEPOSITARIO

M. L. DE MELLO

Largo de S. Julião, 12, 1.º - LISBOA